



DACEC Departamento de Ciências Administrativas, Contábeis,
Econômicas e da Comunicação - **UNIJUI**

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 03/07/2020 a 09/07/2020

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹
Jaciele Moreira²

¹ Professor Titular do PPGDR e DACEC, na UNIJUI, doutor em economia internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA.

² Analista do Laboratório de Economia da UNIJUI, Bacharel em economia pela UNIJUI, Tecnóloga em Processos Gerenciais – UNIJUI, Pós-graduada do MBA – Finanças e Mercados de Capitais – UNIJUI e Bacharel em – Administração UNIJUI.

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
03/07/2020	FERIADO	FERIADO	FERIADO	FERIADO	FERIADO
06/07/2020	8,98	295,40	28,42	4,89	3,46
07/07/2020	8,95	293,30	28,76	4,92	3,45
08/07/2020	8,94	291,60	28,46	5,17	3,48
09/07/2020	8,98	295,10	28,19	5,26	3,51
Média	8,96	293,85	28,46	5,06	3,48

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais (compra e venda)
no mercado físico brasileiro - em
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

SOJA	Média*	
RS – Panambi	104,50	
RS – Não Me Toque	103,50	
RS – Londrina	99,50	
PR – Cascavel	100,00	
MT – Rondonópolis	114,00	CIF
MS – Maracaju	107,00	
GO - Rio Verde	95,00	
BA – L.E.Magalhães	103,00	
MILHO(**)		
Porto de Santos	51,50	CIF
Porto de Paranaguá	50,00	CIF
Porto de Rio Grande	S/C	
RS – Panambi	43,00	
SC – Rio do Sul	43,00	
PR – Cascavel	42,00	
PR – Londrina	42,00	
MT – Rondonópolis	40,00	
MS – Maracaju	37,00	
SP – Itapetininga	50,00	
SP – Campinas	52,00	CIF
GO – Rio Verde	39,00	
GO – Jataí	39,00	
TRIGO (**)		
RS – Panambi	56,00	
RS – Não Me Toque	54,00	
PR – Londrina	58,00	
PR – Cascavel	59,00	

Período: 08/07/2020

S/C=Sem Cotação.

(*) Valor de compra.

(**)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA com base em dados da Notícias Agrícolas.

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do
Sul – 09/07/2020**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	44,09	104,69	54,10

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do Sul –
09/07/2020**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	61,17
Feijão (saco 60 Kg)	193,13
Sorgo (saco 60 Kg)	36,20
Suíno tipo carne (Kg vivo)	4,16
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	1,48**
Boi gordo (Kg vivo)*	7,43

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

(**) Ref. Junho/20 - média cf. Cepea/Esalq

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

MERCADO DA SOJA

As cotações da soja, em Chicago, se aproximaram novamente do teto dos US\$ 9,00/bushel nesta primeira semana de julho, porém, os primeiros meses cotados não conseguiram rompê-lo. O primeiro mês cotado, fechou a quinta-feira (09) em US\$ 8,98/bushel, após os US\$ 8,92 de uma semana antes.

O mercado procurou se posicionar diante do relatório de oferta e demanda do USDA, que seria anunciado nesta sexta-feira, 10/07 (comentaremos o mesmo em detalhes no próximo boletim).

Enquanto isso, pesou sobre as cotações a permanência de 71% das lavouras de soja nos EUA em condições entre boas a excelentes. As lavouras regulares ficaram em 24%, enquanto as ruins a muito ruins permaneceram em apenas 5%. Até o dia 05/07 cerca de 2% das lavouras estavam com formação de vagens, contra 4% na média histórica.

O mercado do clima ganha ainda maior importância a partir deste momento no Meio Oeste estadunidense, pois as lavouras começam a entrar em estágio delicado, necessitando de umidade. Por enquanto o clima transcorre bem naquela região, havendo previsão de dias mais quentes e secos para meados do mês.

Em paralelo, as vendas semanais de soja, pelos EUA, ficaram, na semana encerrada em 2 de julho, em 521.638 toneladas, enquanto o mercado esperava algo entre 250 mil e 450 mil toneladas. No acumulado do ano comercial atual já foram embarcadas pelos EUA 37,3 milhões de toneladas, contra 37,9 milhões do ano passado neste mesmo período.

No Brasil, a combinação de Chicago firme, com o câmbio estável ao redor de R\$ 5,30 por dólar, e prêmios um pouco acima de US\$ 1,00/bushel na média, mantém os preços internos da soja em elevação nesta entressafra. Além disso, a forte exportação está fazendo com que as indústrias localizadas no Brasil paguem mais para segurar a soja no mercado interno.

Assim, o balcão gaúcho fechou a semana na média de R\$ 104,69/saco, enquanto no Paraná os preços oscilaram entre R\$ 99,50 e R\$ 100,00/saco; em Rondonópolis (MT), o valor CIF subiu para R\$ 114,00, enquanto em Maracaju (MS) o saco da oleaginosa ficou em R\$ 107,00. Em Rio Verde (GO) o produto esteve cotado em R\$ 95,00 e em Luís Eduardo Magalhães (BA) o mesmo atingiu a R\$ 103,00/saco.

Enquanto a última safra brasileira teria ficado entre 119,9 milhões (IBGE) e 120,9 milhões de toneladas (Conab), o Brasil espera colher algo em torno de 131 milhões de toneladas nesta próxima safra. Aliás, a safra passada só não foi maior, atingindo a quase 130 milhões de toneladas, porque houve quebra de cerca de 10 milhões de toneladas no Rio Grande do Sul devido a seca. Neste contexto, como já frisamos em outras oportunidades, o Brasil se mantém como o maior produtor mundial de soja, superando há alguns anos os EUA.

Pelo lado das exportações, as mesmas continuam avançando fortemente, com o país já tendo embarcado 65,8 milhões de toneladas do grão de soja. Somando os três

produtos do complexo soja (grão, farelo e óleo) o país já atinge a 75,6 milhões de toneladas exportadas, contra 55,2 milhões no mesmo período do ano passado. Grande parte desta performance se deve à forte desvalorização do Real neste ano.

Neste contexto, diante do fato de que a cada dia temos menos soja disponível no mercado interno, as indústrias locais se veem obrigadas a pagar mais pelo produto, ajudando a elevar os preços da oleaginosa junto aos produtores. A situação já leva ao registro de algumas importações do produto por parte do Brasil, especialmente procedentes do Paraguai.

Segundo o IMEA, do Mato Grosso, "o preço de paridade exportação acumulou alta de 3,74% nesta semana, influenciado pela valorização do câmbio e subida dos preços em Chicago. Apesar de a margem de esmagamento (relação soja/farelo e óleo) estar reduzindo há mais de dois meses, houve aumento no indicador na semana passada, reflexo da valorização dos subprodutos da soja".

No Rio Grande do Sul há praças pagando até R\$ 114,00 por saco, enquanto o porto precisaria pagar cerca de R\$ 120,00, ou mais, para atrair novos negócios. (cf. Notícias Agrícolas)

Neste quadro, tem-se 93% da safra 2019/20 comercializada, contra 75% na média histórica, e 40% da nova safra já vendida antecipadamente, contra a média histórica de 12% para o período. (cf. Safras & Mercado)

Para julho a expectativa é de que o país exporte mais 8 milhões de toneladas de soja, levando o total a 69,6 milhões de toneladas no final de julho, podendo o mesmo ser ainda superior. Em farelo de soja espera-se vendas de 1,7 milhão de toneladas no mês, elevando o total nos primeiros sete meses do ano para 10,1 milhões de toneladas.

E isso que nos últimos 10 dias, devido aos temporais que se abateram sobre o sul do país, os portos da região ficaram parcialmente parados para reparos, assim como muitos navios não conseguiram entrar no porto de Rio Grande devido aos fortes ventos.

A partir de agora, com o pouco que resta da safra velha a vender, a tendência é de o ritmo de exportação diminuir. O quadro de preços elevados deve permanecer até a colheita dos EUA, em setembro, dependendo do volume que o país norte-americano irá colher. Outro elemento que definirá os preços será o câmbio, o qual tem tendência a diminuir a intensidade da desvalorização do Real caso a economia melhore um pouco no segundo semestre.

MERCADO DO MILHO

As cotações do milho em Chicago igualmente subiram nesta semana, fechando a quinta-feira (09), para o primeiro mês cotado, em US\$ 3,51/bushel, contra US\$ 3,42 uma semana antes.

O mercado se posicionou diante do anúncio, neste dia 10/07, de mais um relatório de oferta e demanda do USDA, o qual comentaremos com detalhes no próximo boletim.

Além disso, as condições das lavouras do cereal nos EUA pioraram, chegando no dia 05/07 com 71% em condições boas a excelentes, o que representa um recuo de dois pontos percentuais em relação a semana anterior. Outras 23% se apresentavam regulares e 6% entre ruins a muito ruins. As lavouras em fase de embonecamento chegaram a 10% do total, contra 16% na média histórica para aquela data.

Em termos de exportações, os EUA somaram 962.445 toneladas na semana anterior, ficando o volume abaixo do esperado pelo mercado. Com isso, o acumulado no ano comercial chega a 42,3 milhões de toneladas exportadas por aquele país, contra 48 milhões em igual momento do ano passado. Já para o ano 2020/21 as vendas de milho estadunidense atingiram a 361.100 toneladas, igualmente frustrando o mercado.

Na Argentina, até o início desta semana a área colhida com milho chegava a 89% do total, segundo o Ministério da Agricultura local.

Aqui no Brasil, os preços do milho voltaram a subir em parte do país. No Rio Grande do Sul, o balcão fechou a semana em R\$ 44,09/saco, enquanto no Paraná e em Santa Catarina os preços ficaram respectivamente em R\$ 42,00 e R\$ 43,00/saco. Já em Rondonópolis (MT) o valor ficou em R\$ 40,00, enquanto em Maracaju (MS) o mesmo atingiu a R\$ 37,00. Em São Paulo, o interior chegou a bater novamente em R\$ 50,00, enquanto em Campinas o CIF foi a R\$ 52,00/saco. Em Goiás a semana fechou com valores ao redor de R\$ 39,00/saco.

No Mato Grosso do Sul, até o dia 02/07, 46% da safrinha de milho já havia sido comercializada. (cf. Famasul) Já no Mato Grosso igualmente a comercialização da safrinha atingia a 46%, com a produção final do Estado devendo ser uma das melhores dos últimos anos, ao atingir a 33,3 milhões de toneladas. (cf.IMEA) O Paraná alcançava 48% vendido, São Paulo 19%, Minas Gerais 21% e Goiás/DF 48%. No total, o Centro-Sul brasileiro já havia comercializado 50% da safrinha atual até o início de julho, contra 44% no ano passado nesta época. (Cf. Safras & Mercado)

Já na BM&F (B3) o vencimento julho ficou em R\$ 50,34/saco no dia 08/07, setembro em R\$ 47,79; novembro a R\$ 49,40; e janeiro/21 em R\$ 50,70/saco.

Com o ritmo mais lento da colheita da safrinha, devido a problemas climáticos em geral, os preços devem se manter ainda firmes por algum tempo. Todavia, tempera este movimento o fato de que o Real se valorizar novamente nestes últimos dias, embora ainda se mantenha ao redor de R\$ 5,30 por dólar em termos médios.

Por sua vez, as exportações brasileiras terminaram o primeiro semestre em 3,5 milhões de toneladas, contra 9,1 milhões no mesmo período de 2019, conforme Safras & Mercado. Entretanto, as mesmas devem crescer a partir de julho, como o esperado. Aliás, nos três primeiros dias de julho o Brasil exportou 286.906 toneladas de milho, superando em 82% o total que foi vendido em junho. O problema que preocupa os operadores de mercado brasileiros está no fato de que, em a demanda aquecendo novamente no segundo semestre, e as exportações atingindo 30 milhões de toneladas, poderá haver algum aperto na oferta do cereal até o final do ano. Mas isso irá depender

da concorrência que o milho brasileiro sofrerá, a partir de outubro, do cereal estadunidense e ucraniano no mercado externo.

A título final de informação, de janeiro a junho deste ano os principais compradores de milho brasileiro foram Taiwan, com 24% do total exportado, Japão, com 13%, Irã, com 11%, Vietnã, com 9,5% e Egito, com 8,4%. A maior parte do milho que o Brasil exportou no primeiro semestre veio do Mato Grosso, com 48,2%, seguido de Rio Grande do Sul, Goiás, Paraná e Mato Grosso do Sul. E isso que aqui no Estado gaúcho tivemos uma quebra forte na produção de milho neste último verão. A mesma deverá levar o Estado a importar de outros Estados da Federação perto de 3 milhões de toneladas do cereal neste ano.

MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo em Chicago, considerando o primeiro mês cotado, iniciaram a semana estáveis, porém, no final da mesma subiram bem, fechando o dia 09/07 (quinta-feira) em US\$ 5,26/bushel, contra US\$ 4,90 uma semana antes. O fechamento do dia 09/07 não era alcançado há praticamente dois meses.

Além das expectativas em relação ao relatório de oferta e demanda anunciado neste dia 10/07, o qual abordaremos com detalhes no próximo comentário, o clima ruim sobre as lavouras do cereal estadunidense estaria na origem deste movimento altista.

Neste contexto climático, até o dia 05/07 as lavouras estadunidenses de trigo de inverno apresentavam-se com 52% entre boas a excelentes, 32% regulares e 16% entre ruins a muito ruins. Já o trigo de primavera havia recuado para 69% entre boas a excelentes, com outros 25% regulares e 6% entre ruins a muito ruins.

Em paralelo, a consultoria russa SovEcon, contrariando as estatísticas anteriores, reduziu a projeção da produção de trigo na Rússia para 80,9 milhões de toneladas. O corte se deve a baixa produtividade até o momento alcançada na colheita. A mesma estaria 25% abaixo do registrado no ano passado. Mesmo assim, a safra russa será 8,6% maior do que a registrada no ano passado.

Já a área semeada com trigo na Argentina, para 2020/21, deverá recuar 1,5% em relação ao ano anterior, ficando em 6,5 milhões de hectares. A falta de chuvas no oeste e norte do vizinho país tenderá a reduzir a área tritícola. Até o 1º de julho a Argentina havia semeado 79% da área esperada. O ritmo está mais lento devido as condições de umidade do solo. Cerca de 16% das lavouras semeadas apresentam condições entre ruins e regulares, sendo que 64% da área que planta o cereal estaria com déficit hídrico na Argentina.

Enfim, nos EUA os embarques de trigo, na semana anterior, ficaram abaixo do esperado pelo mercado, atingindo a 326.448 toneladas.

E aqui no Brasil, os preços do cereal se mantêm firmes, com viés de alta, inclusive, nesta semana. A média gaúcha no balcão subiu para R\$ 54,10/saco, enquanto no Paraná os preços oscilaram entre R\$ 58,00 e R\$ 59,00/saco. Nas regiões catarinenses de Palma Sola e Rio do Sul o preço médio ficou em R\$ 56,00/saco.

O mercado do trigo deverá se manter nestes níveis, pressionado pelas importações na medida em que o Real se valorizar e também pela proximidade da nova colheita, especialmente em caso de clima positivo. Neste sentido, as fortes e constantes chuvas dos últimos 10 dias no sul do país causaram estragos importantes em muitas lavouras. Resta verificar, no futuro, o que isso representará em termos de produção e qualidade final do produto.

Enfim, de acordo com a Secex, o Brasil importou 434.100 toneladas de trigo em junho, volume 7% inferior ao de maio passado, porém, 3,3% acima do registrado em junho de 2019. O preço médio de importação foi de US\$ 230,00/tonelada.